



**NUNO
NEPOMUCENO**

**A CÉLULA
ADORMECIDA**

**O terror está
no meio de nós**


TOPBOOKS

A CÉLULA ADORMECIDA

Título A Célula Adormecida

Autor Nuno Nepomuceno

Todos os direitos para a publicação desta obra reservados por:

TopBooks

Rua Dr. Manuel Pacheco Nobre, 77 A

2830-080 Barreiro

Telefone: (+351) 961 563 353

E-mail: editorial@topbooks.pt

www.topbooks.pt

Capa Emma Graves

Coordenação editorial Fernando Gabriel Silva

Revisão ma**netic**

Pré-impressão ma**netic**

Iconografia ©Freepik.com

Impressão e acabamentos Guide Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal 415501/16

1.ª Edição Outubro de 2016

ISBN 978-989-706-050-2

A Célula Adormecida contém palavras e expressões em árabe, que nesta edição surgem transliteradas para o alfabeto latino para a sua mais fácil compreensão.

O livro integra excertos do Alcorão traduzidos de forma livre pelo autor a partir da edição inglesa de M. A. S. Abdel Haleem (Oxford Classics, 2008). Para uma plena interpretação dos textos em causa, deverá ser lida a versão original.

Por vontade expressa do autor, de acordo com a lei vigente em Portugal, *A Célula Adormecida* segue a grafia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio, sem o consentimento expresso do editor. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos.

A Célula Adormecida é uma obra de ficção inspirada em acontecimentos verídicos. Contudo, as personagens que nela aparecem foram criadas pelo autor. As ações e opiniões que expressam não devem ser confundidas com as personalidades reais a que correspondem. O mesmo se aplica às organizações citadas no livro.



Mar Egeu, ao largo da ilha de Lesbos, costa grega

•

Fim do verão de 2012

Um sentimento de angústia e desamparo apoderou-se-lhes do coração. Há muito que se encontravam à deriva, exaustos, deixados perdidos nas águas turvas do mar, entregues a um arbítrio que não compreendiam. Era de noite. A escuridão envolvia-os. E eles não mais acreditavam.

Haviam abandonado tudo. O país, a família, a guerra, a própria vida. Mas naquela noite negra, amontoados num mero bote de borracha, uma promessa de esperança, o sonho de uma vida melhor, em paz, sobretudo, esvaíra-se. A descrença derrotara-os e o sentimento de perda era como a vastidão do horizonte preto e imutável que fitavam de modo absorto: avassaladoramente infinito.

O barco rangeu e vergou-se ainda mais, frágil perante tamanho peso, indefeso face ao poder das correntes. O motor estava mudo, ausente de combustível, condenado ao fracasso desde o início, tal como o grupo. Aisha, uma mulher síria de olhos azuis e rosto moreno, beijou a testa do filho mais velho, afagou-lhe o cabelo claro e olhou para o céu. Secos e gretados, os lábios movimentaram-se com esforço. Orou, pediu por clemência, por um sinal, por algo que lhes permitisse subsistir.

Ao seu lado, com Sarita, a filha de 8 anos, adormecida de encontro ao peito, o marido, Sami, observou-a em silêncio e abraçou o rapaz ainda mais. Ahmad, o muito amado, aconchegou-se ao pai e à irmã, os olhos grandes e puros que herdara da mãe semiabertos com dificuldade. Estava desidratado — o filho, eles e

os demais que os acompanhavam, bebês, crianças, adultos e idosos. O contrabandista que lhes vendera a viagem na Turquia cedo se atirara borda fora e regressara a nado para terra. Tinham sido enganados. Mais uns entre os diversos milhares que diariamente arriscavam tudo numa travessia tão quimérica quanto inglória.

Sami contemplou o sol que nascia sobre as águas calmas do mar e tentou recordar-se de há quanto tempo durava a viagem. Foi incapaz. Perdera a noção do tempo. Originário de Alepo, aquela que até ao início da guerra civil era a cidade mais populosa da Síria, partiu para fugir. Primeiro do conflito que lhe destruíra a pátria e a estava a reduzir a escombros. Depois da miséria. E do abandono, da indiferença, do alheamento do campo de refugiados na Turquia que os acolhera. Por fim, da própria cobardia, por se recusar a desistir sem pelo menos lutar por um futuro digno e seguro para a sua família.

Um frémito repentino fez agitar a embarcação. Um recém-nascido começou a chorar e alguém se levantou, apontando em sentido oposto. Com o sol que rompia no horizonte pelas costas, um iraquiano gritava alto, o mais que as parcas forças lhe permitiam. E todos o imitaram.

— *'Ard!* — gesticulava ele. — *'Ard, 'ard, 'ard!* — insistia, utilizando a palavra árabe para terra.

Sami despertou a filha, agarrou nela, em Ahmad e na mulher, e os quatro lutaram por se equilibrar. O bote estava sobrelotado, as pessoas levantavam as mãos em sinal de contentamento e qualquer oscilação no peso poderia fazer com que caíssem ao mar. Mas, sim, pouco distante, uma formação rochosa, enorme, repleta de pequenos pontos de luz começava a vislumbrar-se por entre a euforia do grupo. As preces de Aisha tinham sido atendidas. Alá, misericordioso e clemente, ouvira-a. E finalmente iriam chegar à Europa, ao seu porto de abrigo.

Um clarão azul e vermelho interrompeu os festejos de alegria. Homens fardados de branco e bonés na cabeça aproximaram-se

numa lancha. O som do motor confundiu-se com o dos altifalantes que seguravam nas mãos. Gritavam alto, muito alto, em vocábulos incompreensíveis e pouco amigáveis.

Sami puxou Aisha para si, com Ahmad e Sarita apertados no meio de ambos. Pouco ou nada entendia do que a guarda costeira grega vociferava, mas uma coisa rapidamente se tornou clara. Eles não eram bem-vindos.

A lancha abordou-os e um homem atirou-se, tentando subir a bordo. Um dos oficiais afastou-o, pontapeando-lhe as mãos, mas o desespero sobrepôs-se e todos o imitaram. Só tinham uma oportunidade. Era aquela ou nunca.

Os polícias tentaram evitar o assalto e conseguiram empurrá-los, agitando o espaço de permeio entre eles. Algumas pessoas caíram à água e o caos instalou-se, com o pequeno bote a dançar perigosamente.

A agitação terminou tal como começara — sem o esperarem. Um pequeno bebé esbracejava e chorava acima de todos eles, suspenso no ar pelas mãos da mãe, que ameaçava deitá-lo ao mar.

A guarda costeira hesitou, claramente desnorтеada. A mulher falava com rapidez em árabe, mas a ameaça latente que carregava na voz era inequívoca. Ela era mesmo capaz de o fazer.

A lancha aproximou-se de novo. Munido de um gesto apaziguador, um dos oficiais dirigiu-se a todos eles e pediu-lhes calma. Nova onda de homens tentou desesperadamente subir a bordo. E a polícia afastou-se outra vez.

A mulher soltou um bramido agudo e agitou o filho no ar com um movimento evidente. Incapaz de se conter, Aisha soltou-se dos braços do marido e correu através do bote, tentando salvar o pequeno anjo.

— *Mama!* — soluçou Sarita, agarrada à cintura do pai.

Mas foi em vão. As duas mulheres debateram-se e o resto do grupo envolveu-se na disputa, divididos face à desumanidade do ato.

Um som oco elevou-se aos gritos e Sami sentiu-se atordado. Empurrada por alguém, a esposa, cujo nome significava vida, acabara de embater violentamente com a cabeça no motor do barco.

O marido correu para ela e segurou-lhe o rosto manchado de sangue com as mãos trémulas. Não respirava. A filha seguiu-o com esforço, irrompendo através dos outros migrantes, e agarrou-se ao corpo morto de Aisha. O sonho conhecera um triste destino.

Poucos metros atrás, Ahmad, que também assistira a tudo, cerrou os dentes e esforçou-se por conter as lágrimas. O rapaz já não fitava o cadáver da mãe. Os olhos grandes e azuis que herdara dela estavam agora bem abertos, brilhantes, fixos na guarda costeira que tentava impedi-los de chegar a terra. E não era mágoa ou desespero aquilo que mostravam.

Era puro ódio.



Lisboa, Portugal

•

Noite das eleições legislativas
- última Lua Nova do mês do Sha'baan
Cinco anos depois, tempo presente

LISBOA, PORTUGAL

20H13 — MENOS DUAS HORAS QUE EM ISTAMBUL

Envolto pela luz quente do sol que lhe desce sobre as costas, um homem ainda jovem, de cabelo preto, crespo e pele castanha, reza prostrado sobre um tapete de seda. Humilde perante Deus, entoava cânticos de perdão.

Ibrahim levanta o tronco e permanece ajoelhado, virado para oriente. Palavras em árabe evadem-se dos seus lábios em murmúrios ardentes como chagas abertas no coração. Até então fechados, os olhos negros e redondos abrem-se. Roda a face para o lado direito e diz, em árabe: «Que a paz esteja contigo.»

— *Assalaamu 'alaykum* — repete, depois, virando a cara para o lado esquerdo.

As mãos são colocadas em concha num derradeiro gesto de gratidão e de humildade. A oração está terminada. Espessas, duas pesadas lágrimas mancham-lhe o rosto gentil e bondoso com dor.

O homem contempla a parte superior do tapete pela última vez. Rodeada de bonitos motivos florais, uma representação da *Ka'aba*, a casa de Deus localizada em Meca, destaca-se. Metódico, enrola-o devagar, extasiado pela visão do símbolo da união islâmica, garantindo que o *sajada* permanecerá limpo. Guarda-o num armário embutido na parede e um colete repleto de sacos colados com fita adesiva é colocado sobre o corpo. Frascos de água-oxigenada, acetona e vários tipos de ácido encontram-se depositados sobre um parapeito distante. Fecha o casaco. Um detonador é guardado no bolso. A Mãe de Satanás veste-o.

Ibrahim limpa o rosto, atravessa o espaço aberto do pequeno apartamento em passos moderados, contudo firmes, e dirige-se para a porta. Além do colchão e da secretária, não dispõe de mais nenhuma peça de mobiliário. A sua felicidade nunca poderá ser medida através de bens materiais.

Já no corredor, desce as escadas em direção à rua. Vozes de adultos e crianças ouvem-se através das paredes enquanto abandona o átrio do prédio antigo. O fim de tarde recebe-o pintado de tons acobreados.

Caminha pelas sombras ao longo da transversal. É domingo, fim de maio. O dia está a dar lugar à noite e a cidade aparenta encontrar-se adormecida, lindíssima, em consequência do contraste de cores proporcionado pelo ocaso.

O homem fecha ainda mais o casaco, nitidamente apático, e encosta-se ao tronco de uma árvore. A vida é rarefeita na avenida principal. Automóveis desfilam amiúde, misturando-se com uma ou outra pessoa que circula sobre o passeio. Um casal vestido com trajes ligeiros passa por si, não lhe dedicando qualquer espécie de atenção. A temperatura está agradável. A rapariga sorri ao marido, os dois abraçados, ele com um saco de comida pendurado numa das mãos. Ao longe, um autocarro com publicidade a um canal televisivo de notícias aplicada em ambas as laterais descreve uma curva de modo vagaroso. Vendo-o junto à paragem, liga o pisca e abranda.

Ibrahim entra, observa os passageiros que o acompanharão na viagem, escolhe um lugar ao pé da janela, senta-se numa das cadeiras individuais à frente de um rapaz de aspeto universitário e encosta a cabeça ao vidro. Ruas sucedem-se umas atrás das outras e prédios passam por ele de forma indistinta à medida que avança rumo ao centro da capital. A fachada em tijolo vermelho do Campo Pequeno revela-se tão depressa quanto desaparece, escondida atrás de um pequeno largo arborizado. A Praça Duque de Saldanha seguir-se-á.

O autocarro interrompe momentaneamente o percurso e arranca de novo, ao mesmo tempo que uma mulher sobe as escadas e entra. O homem fita com horror o menino que ela traz pela mão. Caminha com dificuldade, aos tropeções, divertido, as mãos no ar como que a testar o próprio equilíbrio. Inocente, a criança sorri-lhe.

Uma mão é levada ao peito para aconchegar os explosivos que carrega presos ao próprio corpo. Ibrahim, homónimo do profeta Abraão, levanta-se e começa a abrir o casaco. Novamente a chorar, invoca que Deus é grande e grita com fervor:

— *Allahu akbar!*

AVENIDAS NOVAS, LISBOA, PORTUGAL
20H27 — MENOS DUAS HORAS QUE EM ISTAMBUL

Não muito distante do centro da cidade, um outro homem bem mais velho montado sobre uma bicicleta de corrida serpenteia com agilidade por entre as árvores ao longo das amplas avenidas que predominam na zona habitacional onde vive. Flete uma das pernas e debruça-se sobre o guiador, atento ao ângulo apertado da curva que descreve, perseguido pela penumbra. Praticante exímio daquele desporto, nem sequer o sol que se põe a ocidente é capaz de perturbar a eficiência com que progride.

Afonso abranda o ritmo e faz parar a bicicleta junto ao passeio. É recebido por um prédio claro feito de pedra, antigo, mas restaurado, com uma pintura branca e amarela recente, ornamentado com varandas verdes em ferro. Uma mulher vistosa e elegante passa por ele em direção a um carro que está estacionado na rua, não sem antes deixar cair um olhar interessado. Ignora-a intencionalmente, ocupado a procurar as chaves no interior da mochila. Apesar da idade, é suficientemente bem-parecido para não passar despercebido.

O professor desliga a aplicação do telemóvel que lhe controla os tempos e entra no bloco de apartamentos. É ali que reside há cinco anos — altura em que regressou a Portugal —, numa das áreas nobres da cidade, na esquina da Avenida Elias Garcia com a Marquês de Tomar.

Transpirado, com o corpo naturalmente seco e atlético modelado pelo fato de licra que veste, deixa a companheira de treinos na arrecadação e começa a subir as escadas. Um senhor idoso,

algo curvado, com uma barba rala e comprida que faz lembrar um bode, desce os degraus em sentido contrário com dificuldade. Educado, Afonso dá-lhe as boas-noites, lutando por disfarçar o natural sotaque alentejano. Como lhe é habitual, o velho não retribui a saudação.

O apartamento recebe-o em silêncio, sinal de que David, o irmão, que agora vive consigo, não se encontra em casa. Com pouco mais de 20 anos, e mesmo sendo aquela uma altura de preparação para os exames finais da universidade, calcula que não estará a estudar. É domingo, quase de noite, horas de jantar. Preocupado, digita rapidamente uma mensagem no teclado virtual e envia-lha. O telemóvel bloqueia-se automaticamente e escurece, sem resposta.

O professor penteia o cabelo escuro, algo encaracolado, ainda forte, embora cada vez mais pigmentado de cinzento, e vai até à cozinha, onde encontra os óculos. O lobo solitário abre o frigorífico, serve-se de queijo e pão, duas romãs, pega num prato e dirige-se até à sala de estar.

Abandonada na *BBC World News*, a televisão dá sinal de vida assim que a liga. O ecrã apresenta-se preenchido com a imagem de uma criança morta encontrada afogada, deitada sobre a areia escura de uma praia algures na costa anatoliana da Turquia, como se estivesse simplesmente a dormir na cama. É um rapaz com cerca de 4 anos. A voz que narra a notícia, em inglês, alude ao facto de esta ser a segunda vez num curto espaço de tempo que tal acontece, lembrando Alan Kurdi, o menino sírio cuja fotografia tirada em circunstâncias semelhantes emocionou o mundo durante o outono de 2015. O êxodo continua e a tragédia persiste no Mar Egeu. Um desastre de dimensão regional metastizou-se numa catástrofe global e não há acordo ou políticos que a consigam remediar.

A emissão avança e dá conta da próxima cimeira da NATO, prevista para dali a um mês. Curiosamente, irá decorrer em

Lisboa e a crise migratória, tal como o pivô do boletim informativo refere, será sem dúvida um dos temas em discussão. Ainda perturbado pela imagem da criança, incomodado pelo reflexo da tímida claridade que entra através da janela, Afonso muda para um canal português e compõe o cortinado. Não tarda, irá escurecer em definitivo.

De regresso ao sofá, aguarda que a temperatura do corpo baixe um pouco antes de ir tomar banho e serve-se do pão. Especialista em Ciência Política, observa com atenção o que o jornalista relata com entusiasmo. De acordo com as últimas projeções, Henrique Brandão Melo, o candidato a primeiro-ministro que liderava as sondagens pré-eleitorais, superou todas as expectativas e irá conseguir a maioria absoluta na Assembleia da República.

Uma súbita e pronunciada perda de luz no interior do apartamento faz com que se volte imediatamente para trás. Preocupado, Afonso levanta-se e verifica o telemóvel enquanto vai até à janela. Nada. David continua incontactável.

Tomado por um mau presságio, o professor esforça-se por compreender aquilo que observa para além dos vidros. A escuridão predomina lá fora e não é porque o sol os abandonou finalmente e entreabriu caminho à lua. São corvos. Negros como as trevas, um bando enorme voa ao longo da rua.



«Assim queira Deus, o Califado foi estabelecido e iremos invadir-vos como vocês nos invadiram. Iremos capturar as vossas mulheres como vocês capturaram as nossas mulheres. Vamos deixar os vossos filhos órfãos como vocês deixaram órfãos os nossos filhos.»

Daesh, o autoproclamado Estado Islâmico, 2014

Em plena noite eleitoral, o novo primeiro-ministro português é encontrado morto. Ao mesmo tempo, em Istambul, na Turquia, uma jornalista vive uma experiência transcendente. E em Lisboa, o pânico instala-se quando um autocarro é feito refém no centro da cidade. O autoproclamado Estado Islâmico reivindica o ataque e mostra toda a sua força com uma mensagem arrepiante.

O país desperta para o terror e o medo cresce na sociedade. Um grande evento de dimensão mundial aproxima-se e há claros indícios de que uma célula terrorista se encontra entre nós. Todas as pistas são importantes para o SIS, sobretudo quando Afonso Catalão, um reputado especialista em Ciência Política e Estudos Orientais, é implicado.

De antecedentes obscuros, o professor vê-se subitamente envolvido numa estranha sucessão de acontecimentos. E eis que uma modesta família muçulmana refugiada em Portugal surge em cena.

A luta contra o tempo começa e a Afonso só é dada uma hipótese para se ilibar: confrontar o passado e reviver o amor por uma mulher que já antes o conduziu ao limiar da própria destruição.

Com uma escrita elegante e o seu já tão característico estilo intimista e sofisticado, inspirado em acontecimentos verídicos, Nuno Nepomuceno dá-nos a conhecer *A Célula Adormecida*. Passado durante os 30 dias do mês do Ramadão, este é um romance contemporâneo, onde ficção e realidade se confundem num estranho mundo novo e aterrador que a todos nos perturba. Um *thriller* psicológico de leitura compulsiva, inquietante, negro e inquestionavelmente atual.



9 789897 060212



TOPBOOKS